



CORREIO EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCO RECHIMDO
DE INVOLÚCO RECHIMDO
PODE ABRI-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00992015CE



Gaiato

Quinzenário • 19 de Setembro de 2015 • Ano LXXII • N.º 1866 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

«*Coração oposto ao mundo, como a família é verdade!*» Estes versos de Pessoa parecem definir a Obra da Rua, que ainda vinha longe de nascer. Pai Américo, que a criou, andava longe, embora no seu ser estivesse bem vivo o sentido da família. Haveria de dizer depois: *não sei se é dos óculos, mas vejo tudo do avesso*. Quando ao começar o trabalho na educação de rapazes abandonados apressou-se a pedir autorização para um Jornal que dissesse a verdade e só a verdade. Não era a presunção da escrita, era a preocupação de denunciar erros. Quando deu o primeiro passo para emendar o que estava mal nos Reformatórios de menores, disse só: *o meu trabalho não dá*.

Pensava quem o ouvia que falava de dinheiro. Mas era o sistema que estava mal. Abriu o Lar do ex-pupilo dos Reformatórios, ensaiando o que haveria de ser uma casa de família para os sem família, a Casa do Gaiato. Lutou pela família contra as leis vigentes. Quando o Juiz de Penafiel lhe diz que vai exumar o corpo duma criança que tinha morrido de acidente, para ver se houve negligência, chorada por ele e por todos os seus Rapazes toda uma noite, furiosamente o invectiva perguntando se alguma vez o visitou e *será ele seu filho, sr. Dr. Juiz?* Este rodou nos calcanhares e pôs-se a andar. Quando a *Censura* o apertou pelo que escrevia, frontalmente encarou quem lhe

disse: «*em matéria social a lei é esta: 'aquilo que se não pode remediar', também nisso não se pode falar*» e respondeu: *alto lá, sr. General, eu estou a remediar*. Havia de comentar depois: *que linda lei, para morrermos todos*. Sabe-se que hoje na Europa como aqui, aumentam os milionários e aumentam os esfomeados. Não se sabe já o que é a família. A ganância política e económica, a degradação social, o elo de ligação do homem ao Criador, que falta descobrir e assumir como vital e vitalício, estão a transformar o mundo numa sopa intragável. A necessidade constante de novas leis para controlar o comportamento social, humano e desumano, fazem do homem um número para estatísticas e não um ser autónomo, uma pessoa igual

Continua na página 3

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

A tarefa de cuidar dos Pobres, dos que nada têm com que retribuir, directa ou indirectamente, é trabalho que só é possível se for realizado em união com Cristo, Senhor e servo de todos. Não são de narrar esses trabalhos quando a dor os acompanha; são de sofrer e de esperar, pacientemente, o seu êxito.

Só a esta luz é possível compreender e aceitar levar estes trabalhos, por vezes próximos do Caminho Sagrado que o Senhor percorreu para chegar ao êxito pleno da Sua Missão. Fora desta luz tudo são trevas e engano, e nelas o desânimo vence.

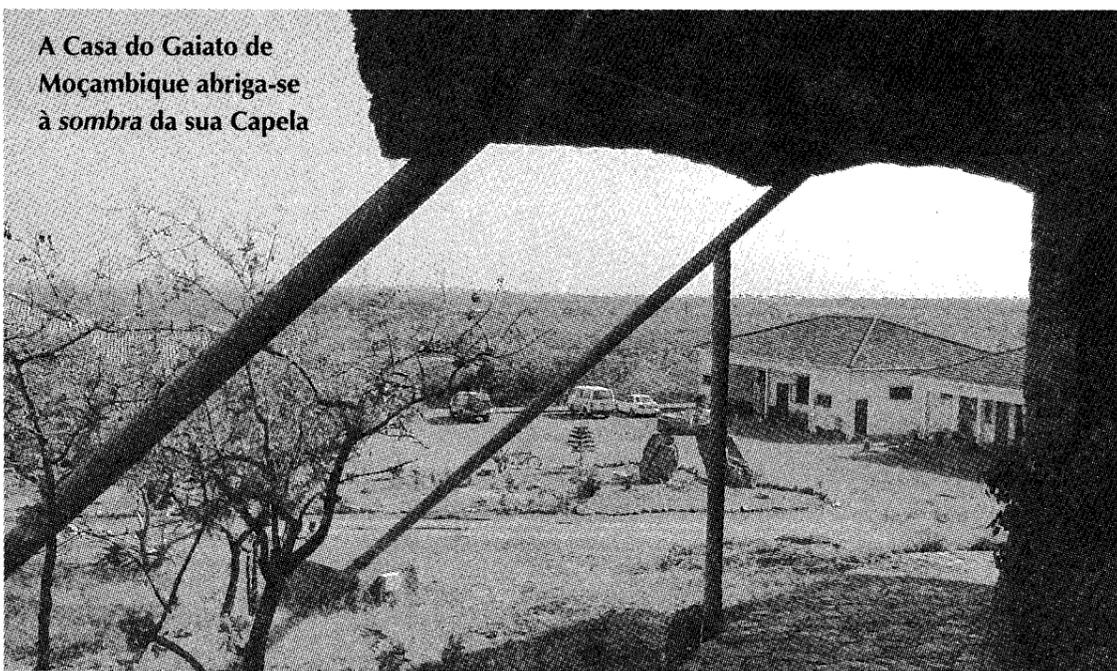
Até ao momento da colheita alegre, quantas dores incutidas pela incompreensão e insensatez humana? Mas a certeza de se estar no caminho certo confirma e renova as forças nas passadas, concentradas em prosseguir sem olhar para trás.

Se por vezes os Pobres, com quem nos encontramos, nos dão sinais claros, no imediato, da bondade e eficácia das acções que lhes dedicamos, outros deixam-nos um sentimento de inutilidade, recebendo-as como mero negócio humano ou a concretização de um mero direito. É do Evangelho, que foram dez os leprosos curados, e que só um deles voltou para manifestar a sua alegria pela cura recebida, agradecendo e louvando Aquele que lhe dera o dom.

Aquela mãe, ainda jovem, veio com o seu menino pequeno, o mais crescido ficou em casa, pedir que lhe déssemos o necessário para pagar a renda de um mês. Estivera cá, há perto de dois anos, pelo mesmo motivo. Desta vez a pensão de alimentos falhara e não tinha dinheiro para a renda. Vem por necessidade, não por hábito ou desleixo, tal como a grande maioria dos que nos procuram. Noutros casos, as ajudas que recebem do Estado são ridículas. Outros ainda habituaram-se e instalaram-se à sua sombra. No caso desta jovem mãe, a sua postura não engana, e as palavras confirmam-no: «Obrigado senhor padre. Deu-me um grande alívio».

Nem sempre é assim. Porque são tantas as pessoas que conosco se cruzam e a memória nem sempre as identifica claramente, precisamos de fazer um registo que nos auxilie. Como também não há regra sem excepção, não admira que surja um caso com processos pouco honestos. Foi o que sucedeu, há dias, em que os factos desmentiam as palavras. Poderá existir realmente necessidade de ajuda, mas não se podem contradizer verdade e a justiça, pois são irmãs gémeas.

Interiormente, a complacência aponta o caminho a seguir. Condescender não é fraqueza quando o íntimo diz que sim. Por isso o serviço aos Pobres não se faz sem padecimento, que só na comunhão recíproca se adoça. □



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O *Património* de hoje vai ser orientado por seus Leitores e contribuintes.

É tão rica esta luz que deles irradia, que eu não posso colocá-la «*debaixo do alqueire ou da cama, mas no seu lugar, no candelabro, para que a todos ilumine*».

Quantas vezes ao ler as cartas que me chegam, acompanhadas de sofridas esmolmas, me apetece dizer como Jesus: «*Não estás longe do Reino dos Céus*».

Sim. O *Património* é feito pelos cristãos a caminho do Reino de Deus! Não pelos escribas, que hoje são abundantes, nem pelos fariseus que, diante de si, julgam que esta casta de gente era de outros tempos, da época de Jesus.

No entanto, eles procedem do mesmo modo que aqueles, cometem os mesmos pecados: «*São cegos, condutores de cegos*».

Eis: «*Senhor fulano (eu), ofereço-me para fazer parte do grupo sugerido pela Maria Amélia, no sentido de contribuir para a prestação da casa de uma família em dificuldades (...)* Junto um cheque de cem euros, que tanto pode ser para este caso como para acudir a qualquer outro».

Meu amigo, o seu cheque, gastei-o hoje ajudando duas viúvas, com maridos vivos, e dois filhos cada uma (a desgraça do nosso tempo). A água estava em nome dela e a dívida era de cento e oitenta e um euros e vinte centimos.

Na próxima semana iremos dar independência a estas mulheres, com mobílias e electrodomésticos. Elas só pedem o indispensável.

«*Senhor Padre Acílio, há muito que admiro imenso o seu zelo pelos pobres e a maneira como nos transmite o desejo de ajudar*».

Assim, nesta data, envio, por transferência bancária, cem euros, pequeníssima oferta para as suas obras de apoio e elevação da dignidade do pobre», Maria Natália.

Maria Rosalina: «*Peço muita desculpa de só hoje lhe enviar um pequeno donativo. É pequeno, mas grande de coração. Dar, para mim, aos outros, é melhor do que receber. Dez euros*».

A Lígia é fiel, atenta à leitura e aos pedidos: «*Este cheque leva*

uma pequenina oferta para a casinha da senhora grávida, mãe de três filhos».

Minha senhora, está quase pronta a «casinha». Que lindo diminutivo. Nasce um coração puro.

«*Sou assinante do vosso jornalinho. Ao lê-lo, fico sempre impressionada com as necessidades dos irmãos menos afortunados*».

É pois, com alegria, que envio por vale postal, esta pequenina

migalha de cinquenta euros», Maria Alice.

M. M., do Porto, «*Os dramas pungentes de tanta gente, que sofre a miséria e a doença, e de quem o Senhor Padre Acílio é a única esperança, o único porto de abrigo, especialmente o caso daquela doente cancerosa, fizeram-me querer também colaborar (...)* Para acudir a tanta infelicidade, já que quem poderia

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

OS REFUGIADOS E NÓS — Embora o problema dos refugiados exista desde há muito e em grandes proporções, nos últimos tempos ele entrou na agenda dos europeus porque lhes está a bater directamente à porta e a entrar pela casa dentro nas condições terríveis que todos conhecemos. Situado na ponta da Europa onde está e não sendo um país com fama de rico, Portugal não está nos pontos de entrada, de passagem e de destino da esmagadora maioria desses refugiados, mas cá iremos ter alguns.

As atitudes dos europeus, incluindo os portugueses, em relação a este problema distribuem-se entre a dos que são favoráveis ao acolhimento condigno destas pessoas e a dos que as rejeitam. Entre os europeus, portugueses incluídos, que se dizem cristãos, como era de esperar, há pessoas nestes dois campos. No caso dos católicos, o Papa Francisco deu, em boa hora, as orientações que era importante dar. Devemos organizar-nos para as seguirmos. Com certeza que o deveríamos fazer mesmo que tais orientações não tivessem existido, mas é bom e é muito importante que o Santo Padre assim tenha procedido.

Na atitude de quem rejeita o acolhimento dos refugiados está, muitas vezes, o medo. Para quem assim se comporta é importante não esquecer que um refugiado é um ser humano que, primeiro que tudo, está a fugir da morte, morte essa que pode ser em condições cruéis e que já o tocou de perto. Quem lidou directamente com refugiados, ou pôde falar com quem esteve nessas condições terá tido testemunhos terríveis dessa realidade que é fugir à morte que pode ser em condições cruéis e que já vitimou familiares, ou outras pessoas muito próximas.

Quanto à atitude de acolhimento dos portugueses em relação à actual vaga de refugiados que estão a chegar à Europa, felizmente está a surgir uma resposta da sociedade civil, organizada como deve ser, e onde as organizações de matriz católica, incluindo a Sociedade de S. Vicente de Paulo, estão a ter o dinamismo que é seu dever terem. Sem menosprezo por outras iniciativas com mérito, a que se está a destacar neste domínio e que está a seguir uma estratégia adequada de resposta a este problema é a PAR — Plataforma de Apoio aos Refugiados, com dois projectos: o Projecto PAR Famílias e o Projecto PAR Linha da Frente.

O Projecto PAR Famílias vai na linha do que o Papa Francisco recomendou, ou seja, a organização das comunidades locais para acolherem famílias de refugiados, de foram condigna, proporcionando-lhes, de uma maneira integrada, habitação, alimentação, aprendizagem do Português e apoio no acesso ao trabalho, à educação das crianças e aos serviços de saúde. Assim, mais do que começar já a recolher bens ou outros donativos, o que deve ser feito neste momento é, ao nível de cada comunidade local, procurar mobilizar as várias entidades que é preciso juntar para esse acolhimento integrado, onde os Vicentinos, obviamente poderão e deverão fazer a sua parte.

O Projecto PAR Linha da Frente irá consistir na recolha de fundos para ajudar duas organizações, a saber a Caritas e o Serviço Jesuíta de Apoio aos Refugiados, que estão presentes nos países donde provêm muitos destes refugiados, ou onde eles estão acampados em condições desumanadas, mais precisamente a Síria, o Líbano e a Jordânia.

Este drama dos refugiados é um dos maiores desafios humanitários que a Europa tem enfrentado ao longo da história e será provavelmente o maior deste género a que deveremos responder no tempo da nossa vida neste mundo. Saibamos fazer por estas pessoas que estão a fugir de uma morte cruel e que estamos a fazer, ou deveríamos fazer pelas outras pessoas que já cá vivem e que também precisam da nossa ajuda. Uma coisa não exclui a outra, bem pelo contrário. Só acha que uma coisa exclui a outra quem pouco, ou nada tem feito pelo seu próximo. □

A PALAVRA NO TEMPO

Fernando «Catete»

Há 7 anos que não vinha a Portugal. Cheguei dia 8 de Agosto vindo de Angola. De imediato sigo para Viseu para uma reunião familiar. Dia 9 vou a Cascais, ao encontro do meu amigo e conselheiro Carlos Falcão, onde sou bem recebido com um excelente almoço servido por sua esposa Fátima. Nos dias seguintes visito alguns familiares e os meus filhos. Em Viseu, na companhia do meu irmão, vamos ao cemitério depositar umas flores na campa do meu pai, que faleceu no dia 25 de Outubro de 2014.

No Porto, encontro-me com o senhor Fernando Gonçalves, que me patrocinou a viagem, e no dia seguinte vim para nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde fiquei até dia 10 de Setembro, dia do meu regresso a Angola. Fui muito bem recebido por todos os Rapazes e em particular pelo nosso padre Júlio. Fiquei emocionado ao reencontrar-me com os nossos padre José Maria e padre Baptista, pois há muitos anos que não os via. No dia seguinte encontrei-me com pai Telmo, vindo do nosso Calvário com ar de cansado e preocupado com as injustiças da actual sociedade. Logo no primeiro fim-de-semana recebo um telefonema: «Olá Catete, este domingo quero matar-te a fome pois foste tu que me salvaste a vida quando passei por Angola». Respondi: «Apénas fui um mediador, foi Deus quem abençoou as mãos do doutor. A Deus deves agradecer». Foi lindo ouvir esta exclamação de um irmão gaiato. Estive em casa dos nossos irmãos Quim Perozelo e da sua esposa Lala, e na do Jorge Alvor e na do João Evangelista.

Agora vou falar do nosso encontro dos antigos gaiatos de África que se faz anualmente. Este foi na nossa colónia de férias na Azurara, e a surpresa de este ano foi a presença do Manelzito, que vive nos Estados Unidos e do nosso Azevedo que vive no Brasil há 40 anos. Correu tudo muito bem, graças a Deus. Notou-se a falta da presença de alguns, em especial do nosso Laranjinha. Queria realçar aqui o reencontro entre o nosso padre Telmo e o Azevedo. Quando se viram, estiveram abraçados aproximadamente 10 minutos, em que o Azevedo dizia: «Eu já tenho 75 anos!», e o padre Telmo respondia: «Eu vou fazer 90, filho!». E eu, vendo os dois chorando, desatei também a lagrimar de emoção.

Aproveito esta oportunidade para agradecer à empresa Sika e a todos os que nos ajudaram, em particular aos senhores Ricardo e Rui, pela reparação do nosso depósito de água e pelo contentor com muitas coisas valiosas que ofereceram à nossa Casa do Gaiato de Malanje e para a Casa das Meninas Desamparadas do Orfanato do Lombe.

Regresso a Angola com a minha consciência e a minha missão cumprida, de filho da Obra que sou. Vou aqui revelar uma verdade: há um trabalho que não cansa — é o que se faz por amor de Deus. E como descansam esses obreiros? Cansando-se mais. □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

VINDIMA — Já começamos com a vindima. Os nossos Rapazes, com as suas tesourinhas, vão cortando os cachos de uvas para as dornas, que depois são levadas para o atrelado do tractor que as entregará na Adega em Paredes. Alguns cachos são servidos à nossa sobremesa. Este ano as videiras

deram muitas uvas e de boa qualidade, de que nós não estávamos à espera.

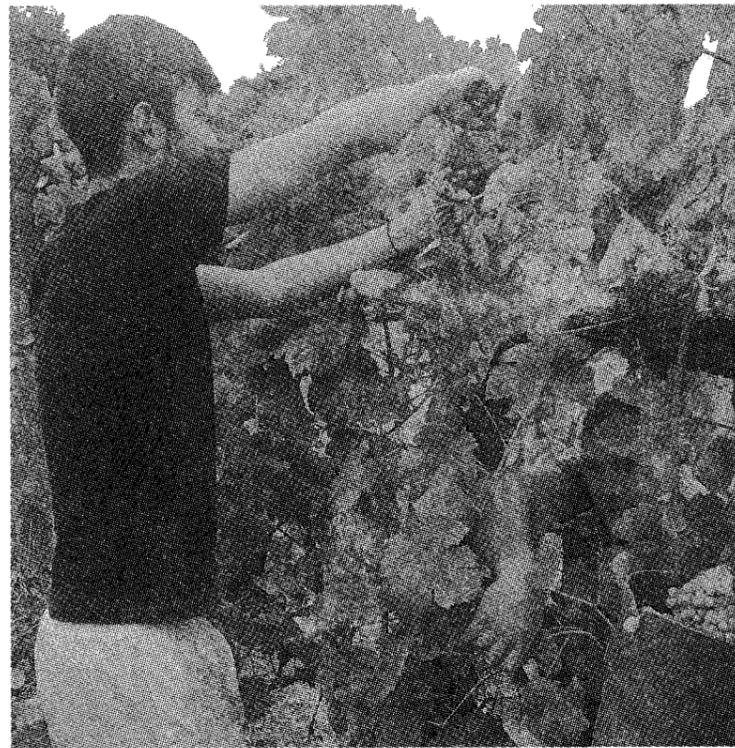
ENCONTRO — Os antigos gaiatos de África, que vivem em Portugal, tiveram um Encontro na nossa casa da praia de Azurara. Foi uma festa muito bonita, em que o nosso Padre Telmo

esteve com os seus primeiros gaiatos de Malanje, e também estiveram alguns de Moçambique e de Benguela. Houve muito convívio e com muita alegria.

VISITAS — Veio visitar-nos um antigo gaiato que foi desta Casa do Gaiato de Benguela. Chama-se Azevedo, e vive no Brasil há 40 anos. Tivemos também a visita de catequistas da paróquia de Mira e de outras paróquias vizinhas, que vieram com o seu Pároco, cuja vinda agradecemos.

POMAR — No nosso pomar observamos árvores de fruto e um galinheiro. As árvores deram este ano muitos frutos, como ameixas, figos e pêssegos. Os diospireiros estão muito carregados, pelo que esperamos uma grande colheita. Um dos nossos Rapazes, o Diogo, foi ao pomar e pegou numa galinha, mas teve que a largar porque o galo não gostou e saltou para ele. Uma das coelhas teve criação, estando os coelhinhas a crescer bem.

FUTEBOL — Nos nossos fins-de-semana temos feito jogos de futebol entre quatro equipas formadas pelos Rapazes. Da última vez fizemos a despedida do Jesus que irá para a sua terra que é Angola. Tiraram-se fotografias e foi-lhe oferecida uma camisola do Man. United como recordação. □



MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — Portugal vem sofrendo uma seca grande desde Março. Em nossa Casa, há boas reservas de água para uso doméstico, agricultura e jardinagem. Como é bem preciso, hortas, pomares e jardins têm sido regados. Para isso, fizeram-se caldeiras à volta das fruteiras. A sebe de láureos, novos, plantados à volta da nossa quinta, em cima, têm exigido boa rega. Arrancaram-se ervas na horta. Têm-se apanhado as maçãs que caem no chão. Para combater infestantes resistentes, como as silvas, aplicou-se herbicida.

Vai-se descarolando e moendo espigas de milho para o gado (galinhas e ovelhas). Da Cooperativa Agrícola de Coimbra, vieram tirar sangue às nossas ovelhas. Os dois cães foram vacinados e, na Junta de Freguesia, tiradas as licenças, legalizando-os.

INÍCIO DO ANO LECTIVO — A 21 de Setembro, começa o ano lectivo 2015/2016, nas Escolas frequentadas pelos Rapazes desta Casa: Centro Educativo (1.º Ciclo), Escola EB 2,3 c/ Sec. José Falcão, Escola Ferrer

Correia (Senhor da Serra) e Cearte (Semide), no concelho de Miranda do Corvo; ARCIL (Lousã); Escola Tecnológica e Profissional de Sicó (Avelar e Alvaizere); e Escola Profissional de Anadia.

Com o material escolar que se tem arranjado, em especial da Paróquia de S. José (Coimbra), organizou-se a mochila de cada Rapaz. Temos o dever de não o estragar. Nas escolas e no estudo, a disciplina e a aplicação são bases para o sucesso escolar. Bom ano lectivo para todos os estudantes! □

CALVÁRIO — Momentos da nossa vida

Júlio

Pelas 10 da manhã, num dos primeiros dias de Setembro, entrei no Calvário. Pela frente o Cruzeiro e a Aldeia envolvida em vegetação densa e verdejante. Presença viva de quem ali habita e carrega a sua cruz silenciosamente. Lugar de paz, sentido numa brisa de frescura.

No céu azul, as andorinhas esvoaçavam felizes de um lado para o outro. A carvalha velha, de braços alongados, junto ao pavilhão, vestia-se de folhas de tons acastanhados. Bailava e varejava em rodopio pelo sopro dos ventos. Sinal de partida da Maria Alice. No velho espigueiro de pedra, recuperado em Templo de Deus, o silêncio foi de pesar por todos os doentes,

rapazes e por quem os assiste. Era a menina Alice, bonita e modesta, depositada numa urna defronte do Altar, vestida de branco. Os olhos bonitos do Calvário. O símbolo da pureza e da sua inocência que preenchia a todos, e do seu sofrimento na Terra.

A Celebração de Corpo Presente deu lugar à sua última viagem na companhia de todos nós. No velho carrinho simples, em cortejo, seguiu para o cimo do monte.

Já no cemitério, as últimas orações de despedida da Maria Alice. Depositada em campa rasa e a cruz deitada, ficou em paz na glória de Deus. □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Depois de uns dias de férias, regressámos para continuar a tarefa de dar o nosso melhor e tentar contar aos nossos Leitores o que temos conseguido ajudar, com o que temos, tanto a nível emocional e material.

Dias tristes que passamos a pensar nas nossas faltas como homens e vicentinos. O nosso espírito é massacrado continuamente a pensar como posso socorrer aquele ou outro irmão mais carenciado e o sol não brilha como uma luz, por muito pequena que fosse, e nos indicasse o caminho certo para chegarmos a ele, que se afunda a cada momento.

Meus amigos, cada dia que passa sentimos um aperto no coração por fazermos tão pouco e com tanto por fazer. Nós sabemos, por experiência própria, o quanto é difícil as famílias poderem ajudar outras, mas, neste momento, os pedidos são tantos para tanta coisa, como pagamentos de água, luz, renda da casa e tudo aquilo que pertence a um lar de família.

Está a chegar o início escolar, outro problema: livros, material escolar, passe, refeições e tudo o resto que envolve o ensino, vamos tentar ajudar no que pudermos, estando atentos. Primeiro, terão que recorrer à acção social das escolas de acordo com o escalão de cada agregado.

Neste momento um dos nossos irmãos carenciados está sem luz, não pagou e, agora, terá de regularizar o consumo e ligação que totaliza 85 euros, só recebe de RSI 175 euros mensais, vamos tentar ajudá-lo, porque ele tem muitos problemas de saúde e vive com muitas dificuldades, não tem capacidade de suportar esta despesa.

Pai Américo nos seus escritos diz-nos: As conferências de S. Vicente de Paulo são obras de jogos, para leigos, por leigos. Não gozamos de personalidade Jurídica etc., são independentes, recebem por amor de Deus e distribuem por amor de Deus.

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Como D. Bosco

Eu quero os meus filhos no Paraíso.
Pai Américo

CONTEMPLAMOS também aquela fotografia de eternidade, destacada para as primeiras páginas dos jornais e das redes sociais. É de um menino com 3 anos, de nome Aylan Kurdi, de bruços na areia, afogado na praia de Ali Hoca, na Turquia, que já é um símbolo de monstruosos fluxos migratórios que vão tentando alcançar a Europa. Seu pai, comovido até às entranhas, disse em forte dor: — *Perdi o que mais amava*. Aquela imagem não deixa ninguém insensível e alerta o nosso mundo, as consciências adormecidas, deturpadas e escravizadas por falsas ideologias, ganância e insensibilidade para o valor da vida humana, nascente até ao ocaso.

A situação explosiva do Médio Oriente e em África, com guerras e perseguições de terror, vai sendo agravada por ocultos negócios sujos da venda de armas mortíferas e de tráfico humano. Francisco, Pastor sem medo, fez uma advertência severa contra *aqueles que fabricam e traficam armas ensanguentadas, molhados com o sangue de tantos inocentes*. O Inverno demográfico da Europa é confrontado assim e seriamente com pungentes migrações de pessoas desesperadas. Tem muito sentido prático e de futuro a mensagem tão humana e transcendente do Papa na *twitter* que cada comunidade acolha uma família de refugiados.

Não há mesmo volta a dar na sociedade do que promover a todo o custo e sem barreiras orçamentais a família, a maternidade e a paternidade, qual aliança insubstituível de amor, de afectos e ninho desejado de todo o ser humano. Quem não chora o drama tremendo, existencial e moral, do aborto, cuja marca é um peso duro a libertar, com compreensão e compaixão, pois as cicatrizes ferem. A *humanidade*

não encontrará a paz enquanto não se voltar com confiança para a *Misericórdia de Jesus*. Quantos sorrisos únicos e de direito inalienável são dolorosamente roubados ao nosso mundo, hoje e para sempre, quando milhões de crianças não vêem o Sol?

Também não sonhámos em vão quando meditamos nestas realidades cruas deste tempo. E em matéria de infância desvalida, não é preciso pedir licença para iluminar com dois candelabros dois amigos dos pobres mais novos. Se o Padre Américo, como verdadeiro sacerdote da nova Lei e pai, se deu às crianças da rua, porque o tentaram afastar dos pobres e dos reclusos, uma centúria antes D. Bosco acolheu com carinho um rapaz, Bartolomeu, sem pai nem mãe e analfabeto, afastado de uma sacristia. Também ele órfão de pai, aos 2 anos, percorreu um campo vasto e promissor: salvar jovens! *Da mihi animas, caetera tolle* — 'Dai-me almas, ficai com o resto'. A 16 de Agosto perfizeram-se precisamente 200 anos sobre o seu nascimento. Quem o tomou como exemplo, ao seu jeito, nas ruas de Portugal, sublinhou: *Ele foi, no seu tempo, o apóstolo dos garotos da rua*. Foram ambos homens de Deus e de sonhos! Quem não sonha, não vive em profundidade e não passa fazendo o bem.

Se os jovens portugueses estão mesmo em *debandada* da Igreja, é de cruzar os braços e ninguém se ralar?... Eles precisam muito e muito, pois, de acompanhamento humano e eclesial muito próximo, em face de múltiplas solicitações, tensões e ilusões. No vazio espiritual e afectivo, por golpes de separações, ateísmo e seitas, mesmo assim e por maioria de razão, os mais novos são, como toda a pessoa humana, portadores do desejo do encontro humano amigo e de conhecer e *ver Jesus!* Aquele adolescente recebido bem por

D. Bosco não sabia fazer o sinal da cruz. E hoje e em cada família e se ela se despedaçou?... Entre a rapaziada que vamos encontrando é um exercício difícil, muito mais do que partir o pão, que sofregamente os faz sorrir, logo ao despontar da aurora por detrás de serranias com eólicas.

Na sua primeira foto de rosto, por cá, um pequenito não conseguiu logo sorrir. Certo é que ainda não encontrámos a sua mãe. Depois do jogo disputado com alguns berlindezes brilhantes, no fórum da refilice do poço, longe de falsas promessas da época, abeirou-se de umas quinquilharias onde quis descobrir um lindo apito colorido. Se tem feito esforço na nossa Língua, mas recusa da tora no caldo, por razões culturais, aquele brinquedinho foi do que ele mais gostou; e passou a ser uma boa ajuda no acompanhamento, pois dá sinal permanente de felicidade nos átrios da sua Casa. Todo o santo dia tem assobiado que nem um rouxinol e foi apelidado assim mesmo. Mais sério, não é que à mesa, antes de arroz que quer ingerir à fartasana, nos deu uma pancada com a mão: — *Veja!* Queria que vissemos se o seu sinal da cruz estava bem feito. Muitas vezes, é feito na diagonal e com ligeireza, mesmo que a Trindade não se zangue com os exteriores da garotada.

Quem encontrou chusmas de gente miserável nas ruas e tocas e repartiu boca a boca tanto pão, na sua tarimba quotidiana, da doutrina do Mestre foi procurador dos pobres e poeta dessa beleza injusta: *Se todos compreendessem o que é salvar pequenitos do vício; segredar-lhes coisas sãs, à laia de quem brinca com eles; dar-lhes uma tarde de sol; falar-lhes de Deus; furtá-los ao pecado!*...

Na sua *hora derradeira*, o fundador da grande Família Salesiana apontou o caminho certo para quem há-de vir à luz e não ficar caído na praia, na valeta ou no lixo, segredando: *Diz aos rapazes que os espero a todos no Paraíso*. Na verdade, é o maior sonho, aqui e agora, da alma e do coração humano! □

SETÚBAL

Padre Acílio

Rapaz novo

O pai faleceu. A mãe vive na Guiné. A cargo de uma tia, que já não o dominava. Tem a quarta-classe, ou melhor, o quarto ano. Mas, não sabe ler.

A sua vida era fugir da escola e embrulhar-se com os colegas do bairro.

A tia, único sustentáculo da família, foi abandonada pelo marido, após lhe arrancar o couro cabeludo, em várias partes da cabeça, numa rixa de morte, antes de a deixar.

É nosso. É dos nossos.

O Estado, através da escola oficial, foi-o passando de ano, como quem passa o lixo por um crivo, tirando o que interessa e desprezando a escória.

No primeiro dia, após o almoço, o recreio e o Terço, apresentei-o aos rapazes e perguntei-lhe se já tinha arranjado algum amigo.

— *Sim*.

— *Não é assim que se responde*. — Corrigi mansamente. — *Já, sim senhor! Ora diz lá*. — E ele repetiu:

— *Já, sim senhor*.

— *E quem é?*

— *É o João*.

Ora muito bem. O João veio após o Natal. Frequentava o quinto ano, num colégio estatal de renome.

Apareceu sem poder regressar.

Deixaram-no aqui, quase como quem atira para longe, um saco de lixo.

Foi difícil encontrar o seu percurso de acompanhamento da doença. Apenas alguns sedativos, pesados para a sua idade e a informação de que sofria de hiperactividade.

Por conhecimentos amigos da Casa do Gaiato, soubemos do paradeiro da sua pedopsiquiatra e pediatra.

Os primeiros dois meses foram um calvário!...

Apesar de lhe termos reduzido a medicação, o rapaz sujava-se em toda a parte. O cheiro que irradiava, afastava-o dos outros e, para tomar banho ou mudar de roupa, o que acontecia três a quatro vezes ao dia, era uma guerra.

Na consulta com a sua pedopsiquiatra, perguntei: — *Senhora doutora, não acha que os sedativos são carga a mais para uma criança desta idade?*

— *Eu achava, mas eles (o colégio) pediam-me mais para o dominar*.

Voltámos à medicação indicada e o rapaz tomou, com o Monchique, a obrigação dos porcos. Todos os dias, os porcos tomam banho e as pocilgas são limpas e lavadas.

O João começou a gostar muito de fazer festas aos bacorinhos e até aos animais maiores e a medicação tem-se ido reduzindo.

Nunca mais cheirou mal.

O banho passou a ser diário e normal e as coisas vão-se compondo. Molhar a cama, ainda é muito frequente. O João tornou-se o primeiro amigo do rapazinho novo.

— *Então, vais ensiná-lo a ler*.

Peguei num livrinho, ilustrado e infantil e: — *Toma João. Vais pô-lo a ler*.

Faz muito bem aos dois. Faz muito bem.

Além de estreitar a amizade espontânea de que o mais novo tanto necessita, nos primeiros dias na Casa do Gaiato, faz crescer muito o João, não só por se sentir capaz de ensinar o colega, mas, mais ainda, pelo estímulo que provoca na sua auto-estima.

Assim, vamos curando as feridas que a sociedade faz, legal e insensivelmente.

Vindima

A nossa vindima foi no sábado passado.

O Vasco organizou os grupos, distribuiu as tesouras e pôs as navilhas nas mãos de cada um. De véspera, o Luís «Preto» lavou as caixas, as tinas e os alguidares.

A manhã estava fresca, mas as uvas renderam pouco.

Os passarinhos, as vespas e a seca destruíram muitos bagos. Mesmo assim, o fruto estava doce, doce, doce... As brancas, sobretudo, eram como mel.

Os rapazes não têm andado com falta de fruta, não senhor. Desde as ameixas às pêras, maçãs e melancias tem sido uma abundância de regalar. Apesar disso, a vindima é sempre apreciada pela liberdade de comer o que apetece até se encher a barriga.

Então, que este ano as brancas moscatel geraram tão grande docilidade!

Como a vindima farta de bem os rapazes!?!... □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

e devia fazê-lo, não o faz. *Veja-se o caso das Paróquias com riquezas acumuladas, alheias ao sofrimento dos seus paroquiais*.

Alcina «(...) Por intenção do meu marido, envio mil euros para o Senhor Padre Acílio ajudar essas senhoras. Que Deus sabe o quanto elas sofrem!... Fiquei muito comovida com a dor daquela mãe cancerosa que,

Os confrades são obrigados a distribuir bem, tudo quanto recebem e temos que chorar com os que choram.

CAMPANHA TENHA SEU POBRE — Maria Piedade, 100€; Áurea Maria, 200€; Dr. A. Moreira, 100€; Anónima, 50€; Otelo, 20€; Aura Silva, 30€; Filomena Saraiva, 100€; M. Jesus, 100€; Anónima, 250€.

Em nome dos nossos irmãos carentes do nosso muito obrigado e que Deus vos abençoe.

O nosso NIB:
0010 0000 44178020001 58.

O nosso endereço:
Conferência de S. Francisco de Assis
Rua D. João IV, 682
4000-299 Porto. □

para as filhas não a recordarem sem cabelo, usa uma peruca.

«Junto, envio duzentos euros, para aplicar onde entender e mais convier», sem nome.

«Estimado fulano: aqui lhe mando uma "aspirina" para aliviar essas dores de cabeça. Brevemente, há mais! O Património dos Pobres *faz parte do meu DVD espiritual*», Ramiro.

«Para ajudar um bocadinho nas vossas necessidades, junto um cheque de cem euros e sinto não poder ser mais. Agradeço as vossas orações pela minha família e por mim», Maria Amélia.

Um advogado: «*Caríssimo fulano, mais um pequenino contributo para a sua grande obra — parte do meu subsídio de férias*».

«Votos de paz e bem. Estou a escrever, para enviar uma lembrança, para ajudar os nossos irmãos que precisam de ajuda. 500 euros», Maria de Lurdes.

«Bom amigo, não sei como o Padre Acílio aguenta tanto sofrimento! (...) Se fosse eu, ao ver tanta desgraça, já tinha ido para um manicómio, já tinha uma pequena quantia, que sei que pouco é — mil euros», Dolores.

E termino, com a deliciosa carta de um padre: «Junto um cheque de 575 euros, uma migalha para os seus

pobres do Património. É a minha pensão mensal, mais o subsídio de férias, soma arredondada. Não faço férias e os pobres, que tão criteriosamente vai ajudando, têm direito àquilo que bem podemos dispensar.

Sou assediado por várias instituições, que se dedicam ao bem-fazer. Custa-me, porém, anuir aos seus pedidos. Percebe-se facilmente que são verdadeiras empresas, com os seus funcionários».

Não comento. Que tal? □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

com direitos fundamentais e com deveres, cuja escola deve ser a família. Quando esta não existe af está o desastre. Quando esta desiste não há mais compromisso, não há mais amor. E como não há amor sem dor, toda a gente foge desta. São psiquiatras e pedopsiquiatras os artistas do endireita. São polícias e tribunais os bombeiros sociais que no fundo mais descompõem que compõem a manta rota que nos cobre a todos. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt
obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898

Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13

MALANJE

Padre Rafael

TODOS nós podemos afastar-nos de lugares, situações ou pessoas, praticamente, todos, menos de nós mesmos. Dos nossos medos, complexos, fracassos. Jesus quer que sejamos e recriemos a nossa experiência de vida. Quer que sejamos nós mesmos, e não que nos procuremos fora de nós.

Faz um mês que o Neto me deixou uma nota escrita onde explicava que se ia embora de nossa Casa, porque se haviam acumulado muitos castigos e não seria capaz de os cumprir todos. Agradecia à Casa do Gaiato todo o bem que tinha recebido, afirmando que os Padres da Casa tinham sido uns verdadeiros pais para ele. Que já tinha feito 18 anos e queria enfrentar a vida sozinho.

Evidentemente que, como pai de família, não fiquei tranquilo e pedi ao Jacinto, o nosso chefe-maioral, que saísse a procurá-lo para, ao menos, podermos conversar e sabermos onde iria ficar. Encontrou-o a viver em casa de um amigo, em condições nada

propícias, e mandou que regressasse a Casa.

No dia seguinte à sua chegada, reuni-me com ele mais o Jacinto e transmiti-lhe que tinha muita sorte em ter tanta gente que lhe quisesse tanto e cresse nele. Que o Jacinto era como um irmão mais velho e devia seguir os seus conselhos. Por fim, decidiu ficar e tentar cumprir o seu castigo.

Jeremias regressou depois de passar uns meses em Luanda por questões de saúde. Retomou o seu cargo de chefe da educação e quis manter o estudo obrigatório das seis às sete da tarde.

Arranjamos os jardins e colocamos o tecto de chapa no armazém da Carianga, pois um vento forte arrancou-o, há vários meses.

Já mudámos todo o azulejo velho da casa-de-banho da casa dois e, dentro de dias, começaremos a colocar o mosaico do chão.

Há dias, um gaiato convidou-me para o seu aniversário, que celebrava com sua esposa. Outros, aproveitaram para me apresentar as suas noivas. Tudo decorreu den-

tro de um ambiente familiar como é próprio das nossas Casas.

Entretanto, vamos esforçando-nos por tornar sustentável a vida da nossa Comunidade. Não nos falta uma ajuda nos momentos mais difíceis. Há um par de meses, foi a SIKÁ com materiais escolares; o mês passado, a Fundação SOL com alimentos — é a Providência que vem em auxílio daqueles que se sacrificam.

Já estamos a colher pimentos, tomates, cebolas e algumas verduras de nossas hortas. Este ano, cultivámos também na Carianga, pois é uma terra fértil e os nossos rapazes vão lá quase todas as tardes. □

PENSAMENTO

Pai Américo

As plantas tropicais não crescem tão depressa como a virtude no peito destes catraios. Aquelas, por causa do sol; estes, por via do Amor.

in Pão dos Pobres, 3.º Vol., p 74

SINAIS

Padre Telmo

A Capela da sanzala da Carianga cresce. Já tem altar que o Amigo António Duarte deu. Dos Viveiros de Castromil vieram duas vigotas. Vou pedir ao Padre Rafael blocos. Vai nascer uma *catedral!* Diferente das antigas — imponentes! Mas entregues ao silêncio das naves... Nesta, haverá cânticos com alma, dança das ofertas — onde num pratinho dourado estará a tua oferta.

Para a primeira Missa da inauguração, estás convidado. Direi a data.

Deus é Mestre do humor. Vamos sorrir...

* * *

NO Domingo que passou os nossos doentes cantaram e dançaram! Foi uma festa! Veio a Banda dos nossos antigos gaiatos de Paço de Sousa.

Deficiente de uma perna, arrastou-a com

ritmo em todas as músicas. Houve merenda. Os doentes vibraram. *Venham cá no Natal*, pediram.

* * *

HÁ sinais e sinais, próprios da natureza humana, inclinações próprias e sistemas de educação.

Um menino — filho único — com todos os afectos e regalias fica diferente de um sexto filho no campo dos afectos e dom de dar.

Falo no Né. Até aos dezasseis anos foi um filho, rico em qualidades humanas, dom de trabalho e simpatia. Nos seus dezassete anos, passeando no largo da nossa Aldeia de Malanje: Ele vertendo lágrimas copiosas dos seus olhos; eu do coração.

O Né apanhado pelo álcool! Não mais se libertou, continua filho. □

TESTEMUNHOS

Padre Júlio

Foi acolhido na Casa do Gaiato de Paço de Sousa em 1952

ERA a noite de Natal desse ano de 1952. O nosso pequeno, de 12 anos, rondava o Mosteiro, esperando, quem sabe, uma mão amiga da Casa do Gaiato que desse com ele e o protegesse. Era já o terceiro dia vivido na rua, esmolando. A dureza materna, o conhecimento do local, obtido nos trabalhos de ajudante de carroceiro, fê-lo aproximar-se da Casa de que ouvira falar.

Em horas vespertinas, dessa Noite, viu um grupo de Rapazes acompanhados por uma Senhora, de quem depois conheceu o nome, Bernardete, saindo do templo depois das confissões preparatórias para o Natal. Estabelecido o diálogo e conhecidos os motivos que o mantinham na rua, a Senhora disse aos Rapazes que levassem o pequeno mendigo a falar com Pai Américo, que se encontrava na casa da mata.

Acolhido o desejo de ficar, logo ali passou o seu primeiro Natal e encontrou o que nunca tinha gozado.

Num dos dias seguintes, Avelino conduzia o Morris que o levou e a Pai Américo à sua terra natal

para o contacto com a mãe. Chegados à casa, bastante arruinada, verificaram que a mãe não estava. Pai Américo perguntou pela catequista, e foi dela que obteve as informações necessárias sobre o pequeno, para se decidir a acolhê-lo.

Até ao desaparecimento de Pai Américo, em 1956, gravaram-se-lhe alguns traços característicos da personalidade do seu novo pai, nomeadamente o seu dinamismo cheio de energia, a sua postura por uma vida comunitária bem ordenada, sendo um homem de grande valor sem deixar de ser do seu tempo.

Veio depois a partida para África — Angola, integrado num dos dois grupos fundadores, tomando lugar em definitivo na Casa do Gaiato de Malanje, onde se deu até que a Casa foi tomada pelo poder emergente da independência de Angola. Seguiu então para o Brasil, onde a sua vida tomou um novo rumo, dedicando-se a trabalhos ligados à enfermagem de que tivera os primeiros ensinamentos, ainda adolescente, na Casa de Paço de Sousa. Este jovem Rapaz era e é o Azevedo. □

PRUDÊNCIA

Padre Baptista

A prudência é uma virtude cardinal. Sobre ela deviam rolar os nossos comportamentos, mas a pressa do nosso viver, a irreflexão do nosso agir, o imprevisível não dão ocasião para se exercer esta virtude. A pressão que os acontecimentos provocam sobre nós, não dão tempo para pensar. Mas, a prudência em excesso também leva à inação.

A prudência manda que não nos exponhamos demasiado, que não revelemos a todo o mundo aquilo que nos é mais íntimo, que ajamos sem refletir. Os nossos actos deveriam ser sempre precedidos de um juízo prévio, para não nos arrependermos mais tarde e colhermos sabores amargos.

O Paulo, franzino, mas habilidoso com a bola, lembrou-se de ir jogar com homens já feitos, alguns deles com o dobro do peso e da idade. Resultado: levou uma rasteira e tombou no chão. Andou uma semana a coxear com as mazelas da queda no campo sem relva. Foi imprudente meter-se no meio de gente graúda.

Há tempos, este mesmo rapaz foi convidado para um passeio por aqueles amigos da bola. Pela tardinha deixaram-no sozinho longe da nossa Casa. Era já noite quando recebo uma chamada para o ir buscar, pois estava ali perdido. Há amigos que não o são e ele foi imprudente.

Alguns visitantes entram em nossa Casa, nem sempre com recta intenção, mas vestidos com pele de cordeiro. Resultado: somos comidos. É tão difícil escolher os amigos! □

BENGUELA

Padre Manuel António

Momentos familiares

NO dia 30 de Agosto passado, celebrámos uma Festa muito linda, na nossa Casa do Gaiato de Benguela. Doze filhos pequeninos, mas já crescidos, receberam o Sacramento do Baptismo. Outros doze fizeram a sua primeira Comunhão. Exultámos todos de alegria, com os beijos e abraços próprios duma autêntica festa familiar. Foram preparados, ao longo do tempo, por corações verdadeiramente maternos. Pai Américo, ao acolher no seu coração a árvore maravilhosa da Obra da Rua, plantada por Deus, comprometeu-se a cuidar dos seus frutos, como filhos muito queridos do Pai do Céu. Por isso, a dimensão religiosa é uma parte fundamental da formação humana. As Casas do Gaiato, como ramo fundamental da Obra da Rua, cobrem as crianças da rua, abandonadas, as mais pobres. O centro nuclear da vida das Casas do Gaiato está em fazer de cada rapaz um homem. Melhor, ajudar cada rapaz a ser um homem, porque é necessária a sua colaboração. Sem dúvida, a dimensão religiosa é uma parte integrante desta formação humana.

Hoje, Domingo, de manhã, houve mais uma reunião dos chefes desta comunidade familiar. O tema central, em debate, foi o papel essencial dos chefes, como irmãos responsáveis, na missão de ajudar cada rapaz a ser um homem. Desde os mais pequeninos, ao longo das idades mais variadas, com um número acentuado de adultos, o papel dos chefes é insubstituível. Por isso, este sector merece uma atenção especial dos responsáveis da Casa do Gaiato. Como numa família numerosa normal, os irmãos mais velhos têm um papel importante na ajuda dos pais para a boa educação dos filhos mais novos. Deste modo, realiza-se o Lema que Pai Américo escolheu: «Obra de Rapazes, Para Rapazes, Pelos Rapazes». A dimensão altamente participativa na própria educação é um factor muito importante na vida duma pessoa. Quem dera os nossos Chefes da Casa do Gaiato de Benguela assumam com muito amor que os leva, também, ao sacrifício na sua própria vida diária, esta missão sublime! Pedimos a mesma dedicação aos chefes das outras Casas do Gaiato!

Um pequeno grupo de responsáveis, dentro da Empresa M. C. A. veio visitar a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Trouxeram as suas lembranças. Levaram bem gravada nos seus corações a história da nossa querida Casa do Gaiato de Benguela. Quando lhes falei do valor humano, verdadeiro tesouro da sociedade, o Gabriel, crescido neste cantinho familiar, ficaram muito impressionados, porque o conheciam, mas nunca pensaram que também fosse um dos filhos desta Casa. Prometeram voltar, de novo. Levaram bem gravado nos seus corações e nas suas mentes o caminho percorrido pela nossa Casa do Gaiato de Benguela, até aos nossos dias, para poder manter-se com as esmolas particulares e ajudas financeiras dalgumas empresas. Deste modo, podemos dizer que muitos ricos não usam os seus bens materiais para a sua orgulhosa ostentação, mas usam a abundância dos seus bens para Obras de Caridade, considerando que o melhor lucro é o que se gasta para aliviar a miséria do próximo. Quem dera esta disposição interior ocupe o lugar central em todos os corações! Há momentos, dois pequenos grupos de pessoas amigas entregaram-me dois embrulhos pequeninos com ajudas para as nossas despesas. Bem hajam! É uma forma, embora difícil, de tornar concreto o sinal da fraternidade e da igualdade, na vida de todos os dias. Por este modo de proceder construímos um mundo novo, em que todos nos sentimos realmente irmãos, compreendidos, amados, estimados. Vamos continuar a trabalhar com muita Esperança. □